

91/2411
7/11/11

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO
INSTITUTO DE CONSULTA PSICOLÓGICA, FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

IMPACTO DIFERENCIAL DOS CONTEXTOS SOCIAIS DE EXISTÊNCIA
SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO
CONDICIONANTES DA EFICIÊNCIA OU PROMOTORES DE PROCESSOS ?

Anne Marie Fontaine

1995

IMPACTO DIFERENCIAL DOS CONTEXTOS SOCIAIS DE EXISTÊNCIA
SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO
CONDICIONANTES DA EFICIÊNCIA OU PROMOTORES DE PROCESSOS?

Resumo da lição elaborado
nos termos da alínea b)
do artigo 9º do
Decreto-Lei nº 301/72
de 14 de Agosto

Apresentado por Anne Marie Germaine Victorine Fontaine, Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no quadro das provas para o título de agregado no 1º Grupo desta Faculdade a que foi admitida por despacho reitoral de 18 de Outubro de 1995.

A existência de diferenças individuais e entre grupos corresponde à observação corrente do dia a dia. O problema da origem de tais diferenças individuais é tanto mais relevante que os seus efeitos não são necessariamente triviais. Se certas diferenças não têm consequências maiores, a não ser um acréscimo na diversidade dos comportamentos possíveis, outras, pelo contrário, parecem estar globalmente associadas a diferenças na qualidade de vida, pessoal, social e colectiva dos indivíduos .

Nesta lição será analisada a questão da origem social de tais diferenças. Considera-se (1) que certas características psicológicas relativamente estáveis são responsáveis pela coerência comportamental dos sujeitos; (2) que os contextos de existência exercem uma influência diferenciadora sobre o desenvolvimento dessas características psicológicas; (3) que a relação entre características psicológicas e comportamentos pode variar em função dos contextos de existência; (4) que a presença de variações intra-grupos nestas relações colocam questões importantes ao nível da metodologia da investigação e da validade dos seus resultados.

Para ilustrar estes diversos pontos, será feita referência ao desenvolvimento diferencial de características motivacionais, à influência do contexto familiar sobre esta diferenciação e às suas relações com o nível de realização escolar. Situado na intersecção de dois microsistemas, familiar e escolar, o problema da motivação é particularmente propício à adopção da perspectiva ecológica do desenvolvimento que, na linha do Bronfenbrenner, salienta o papel do sujeito na interacção entre os diversos sistemas. Este quadro teórico permite também situar os resultados empíricos referidos nos diversos paradigmas de investigação — social address, process-context, person-process-context — salientando as suas riquezas, limitações e relações para uma compreensão mais profunda da diversidade humana.

Esta lição, mais do que defender uma tese definida *a priori*, pretende transmitir o processo de elaboração desta tese a partir da trajetória científica que lhe deu corpo. Salientar-se-ão as diversas vertentes desta trajetória: a primeira partiu da tentativa em atribuir as diferenças entre grupos à diferença na eficiência dos processos gerais de desenvolvimento, para chegar à constatação da intervenção de processos vicariantes cuja eficiência é determinada localmente; a segunda evoluiu da preocupação em utilizar os meios adequados à avaliação da realidade o mais objectivamente possível, para o reconhecimento da importância em aceder à subjectividade do investigado a fim de compreender melhor a variedade dos percursos desenvolvimentais e das reacções face às exigências do meio; a terceira alargou o interesse inicial pelas diferenças inter-grupos à análise das diferenças intra-grupo, mais precisamente de novos padrões comportamentais personificados pelos sujeitos que foram qualificados de "contra-normativos". Finalmente, ao longo deste percurso, reforçou-se a convicção do interesse em recorrer, no estudo das diferenças, a contributos provenientes de perspectivas teóricas e empíricas diversificadas, utilizando metodologias variadas.

Considerando as diversas perspectivas teóricas como diversas explicações plausíveis da realidade, que se diferenciam umas das outras em função da adesão aos pressupostos que as sustentam, tentar-se-á explicitar os pressupostos que sustentam as posições assumidas sempre que possível.

Para tratar o tema proposto, tentar-se-á tomar posição relativamente a duas questões prévias (a e b) e tratar mais pormenorizadamente quatro questões de fundo (1 a 4), que permitem apresentar os diversos argumentos subjacentes à elaboração da perspectiva da influência dos contextos de existência nos processos de desenvolvimento diferencial:

- a. Será legítimo inferir características psicológicas a partir dos comportamentos?

Esta questão corresponde ao debate antigo entre personalismo e situacionismo.

- b. Qual a importância da experiência anterior no desenvolvimento psicológico, comparativamente ao determinismo genético? Esta questão implica situar o lugar do estudo da influência social no quadro dos determinismos genéticos, nomeadamente das teorias mais recentes de correlação genótipo-meio e interacção genótipo-meio.
1. Terá a pertença a grupos equivalentes o mesmo significado em todas as sociedades em termos de diferenciação psicológica? Coloca-se aqui a questão da universalidade da influência de contextos semelhantes e dos efeitos macrosistémicos nos processos de socialização.
 2. Dependerá o desenvolvimento das mesmas características psicológicas dos mesmos factores nos diferentes grupos sociais? ou qual a influência diferenciadora dos contextos de existência sobre a eficiência e/ou pertinência dos processos gerais de desenvolvimento
 3. Terão as mesmas características psicológicas o mesmo impacto comportamental em diversos contextos? Esta questão aponta para o problema dos múltiplos determinantes da acção, nomeadamente no domínio do investimento escolar.
 4. Porque é que quem vive os mesmos problemas no mesmo contexto não reage da mesma maneira? ou o limite do determinismo ambiental nas estratégias de resolução de problemas.

a. É legítimo falar de características psicológicas?

O facto dos comportamentos apresentarem uma certa coerência situacional, estabilidade temporal e diferenciação inter-individual, torna plausível a presença de características psicológicas subjacentes relativamente estáveis. É também inegável que as variações situacionais provocam modificações comportamentais temporárias tanto mais importantes quanto mais constrangedora for a situação. A influência no comportamento desses factores de variação e de estabilidade não são mutuamente exclusivos e as suas influências respectivas podem ser interpretadas em termos aditivos ou interactivos. A

perspectiva aqui adoptada é de pluri-determinismo comportamental e de relação de reciprocidade limitada entre características psicológicas e variação situacional. Comportamentos funcionalmente idênticos podem corresponder a uma tendência para agir habitual no sujeito (traço) ou a uma resposta a características específicas da situação (estado): a coerência e estabilidade comportamental permitirá discriminar estas duas origens. Com efeito, as características psicológicas individuais que representam o factor de estabilidade, não são sistematicamente alteradas por quaisquer variações situacionais, embora o sejam se estas traduzirem modificações relevantes e relativamente permanentes no meio. O conceito de características psicológicas distancia-se, deste modo, da concepção de traços psicológicos internos, permanentes, estáveis e impermeáveis aos efeitos do meio, mas recusa também a perspectiva de determinação exclusiva dos comportamentos pelas características da situação. As características psicológicas aqui definidas são susceptíveis de desenvolvimento: serão tanto mais estáveis que as condições de meio na origem do seu desenvolvimento e responsáveis da sua manutenção não se modificam. As características motivacionais devem ser entendidas neste perspectivas.

b. Genótipo e meio social

Ressalta das teorias da genética do comportamento que os diversos genótipos não se desenvolvem igualmente bem em todos os meios, havendo meios mais favoráveis para o desenvolvimento de cada tipo de genótipo. Certas teorias assumem de forma implícita que a clarividência da "natureza" garantiria o melhor emparelhamento genótipo-meio possível através de processos de selecção progressiva. Contudo, mesmo no quadro das perspectivas que defendem este tipo de determinismo genético, a selecção só pode operar dentro do leque de contextos ou situações disponíveis e os resultados de estudos longitudinais de população parecem indiciar que este leque é mais rico e estimulante actualmente do que no passado. O problema do leque de oportunidades oferecido pelos diversos contextos de vida e os seus efeitos potenciais sobre o desenvolvimento diferencial dos sujeitos é um dos focos de atenção. São eles que modulam as influências genéticas eventuais e deste modo contribuem directamente para o desenvolvimento dos sujeitos. Neste quadro, considera-se,

contudo, que o sujeito é agente activo do seu próprio desenvolvimento pela apropriação que faz dos elementos dos seus contextos materiais, humanos ou normativos e pela integração pessoal desses vários elementos. Ele é simultaneamente resultado e constructor da realidade: o seu desenvolvimento depende quer das características da realidade particular com o qual se confronta, quer das transformações que opera nesta realidade. Com efeito, a realidade propõe desafios e impõe constrangimentos que terão um efeito significativo no desenvolvimento do sujeito. Certas modalidades de resposta parecem espelhar a força dos determinismos biológicos ou sociais, enquanto outras, pelo contrário, testemunham da margem de liberdade individual na reconstrução da realidade.

1. Universalidade das diferenças entre grupos sociais

Dentro do paradigma "social address", as diversas características do meio são, em termos de efeitos sobre o desenvolvimento psicológico, equivalentes e substituíveis. Na medida em que as diferenciações em função do sexo e do estatuto socio-económico são consideradas as mais universais em todas as sociedades e, portanto, as mais frequentemente estudadas, assume-se facilmente que os seus efeitos diferenciadores são similares nas diversas culturas. Resultados empíricos de estudos realizados em Portugal quer no domínio da motivação (motivação para a realização, conceito de si próprio, concepções pessoais de inteligência, atribuições causais, etc..) quer no das práticas educativas familiares evidenciaram semelhanças e diferenças relativamente aos resultados obtidos com amostras Norte-americanas. As divergências variam conforme a variável considerada e os grupos sociais comparados. A pertença a certos grupos sociais não tem necessariamente as mesmas implicações em termos psicológicos em culturas diferentes. O caso das diferenças de motivação entre géneros relativamente ao domínio da matemática ilustra bem este fenómeno. Tais resultados põem em relevo os efeitos diferenciadores do macrosistema sobre os efeitos desenvolvimentais dos diversos grupos sociais e, portanto, questionam a equivalência funcional dos diversos elementos que os caracterizam. Não estão, a este nível, claramente explicitadas os aspectos relevantes que diferenciam as culturas comparadas e as pistas interpretativas avançadas têm um carácter especulativo.

2. O desenvolvimento das mesmas características psicológicas depende dos mesmos factores nos diferentes grupos sociais ?

A exploração dos resultados obtidos no quadro da segunda pergunta permite ir um pouco além da pura constatação de diferenças, explicitando *a priori* as características do meio cuja variação é relevante para o desenvolvimento da motivação. Parte-se do pressuposto que os processos de desenvolvimento são universais e podem explicar as diferenças encontradas. Este princípio será ilustrado a partir da influência das práticas educativas sobre o desenvolvimento da motivação para o sucesso. Explicita-se claramente que, em virtude duma relação esperada entre práticas educativas e motivação, certos resultados específicos são previstos para cada grupo social. As pistas para o modelo de investigação "process context" são lançadas.

Assim este modelo explicita o processo de desenvolvimento da motivação pela influência da socialização familiar, processo que considera universal, sendo as diferenças entre grupos resultado da melhor ou pior utilização de certas práticas educativas nos diversos meios. É assim assumido que os efeitos benéficos ou maléficos de certas práticas educativas se mantêm idênticos quaisquer que sejam as outras características do contexto ou dos actores envolvidos na interacção. Nestes termos, as diferenças de motivação previstas a título hipotético para os vários grupos, baseadas sobre a relação entre práticas educativas e motivação, não deveriam ser fundamentalmente alteradas por efeitos de interacção.

Embora certos resultados de estudos realizados quer em Portugal, quer noutras culturas, sejam compatíveis com o modelo proposto, outros, contudo, não o são. Com efeito, a relação entre práticas educativas e motivação não corresponde sempre ao tipo de relação observado noutros contextos culturais (caso da autonomia, do autoritarismo) ou varia conforme os grupos considerados (género, estatuto social, etnias). Assim ao nível do microssistema familiar, um modelo de investigação mais complexo do que o "process-context" apresentado anteriormente, parece necessário: a referência ao modelo "person-process-context" permite considerar as influências diferenciadoras quer do sujeito, quer do

contexto. Relativamente à motivação para o sucesso, por exemplo, devemos concluir que a sua relação com certas práticas educativas pode variar conforme as características do contexto de existência ou do sujeito em interacção. Podemos concluir que práticas educativas que pareceriam positivas em termos de motivação em certos meios, parecem ter efeitos negativos noutros. A interpretação avançada, em termos hipotéticos, para estes resultados, sugere ainda que a análise não se pode limitar ao nível do microsistema mas deve ser alargada às relações entre os diferentes microsistemas e ao macrosistema. O sucesso escolar para que a criança é suposto lutar não pode ser considerado no abstracto mas deve ser enquadrado nas exigências do sistema de ensino existente, das normas e valores veiculadas pela escola, do conceito de inteligência que este transmite, implícita ou explicitamente, das representações sociais partilhadas quanto aos factores de sucesso e ao nível de competência dos vários grupos sociais. As expectativas e o valor dos resultados escolares, a interpretação destes e os seus efeitos sobre o conceito de competência própria, constroem-se necessariamente no quadro desses valores sociais mais amplos.

Se os factores determinantes do desenvolvimento da motivação variam conforme os contextos, as relações da motivação com o nível de realização escolar podem também variar.

3. Terão as mesmas características psicológicas o mesmo impacto comportamental nos diferentes contextos ?

As relações entre variáveis motivacionais e performances variam também amplamente em função do contexto: (1) esta relação, significativa em determinados meios deixa de o ser noutros e a variação na intensidade das relações depende da variável motivacional considerada; (2) alterações no sistema de influência ocorrem quando várias variáveis motivacionais actuam conjuntamente. Estas variações indicam que o efeito potencialmente estimulador de diversas características motivacionais sobre o investimento na tarefa, varia conforme as condições do meio.

A associação entre variáveis motivacionais e realização escolar foi interpretada em termos de influência das primeiras sobre a segunda devido ao pressuposto implícito de

numerosos estudos desenvolvidos neste campo segundo o qual as características psicológicas determinam o comportamento. Tratamentos mais sofisticados (LISREL) de dados recolhidos em estudos longitudinais permitem testar este modelo de causalidade teórico em paralelo com outros modelos concorrentes. Os primeiros resultados indicam que as experiências influenciam mais a motivação do que o contrário, mas também que o modelo de causalidade pode variar conforme os contextos.

Estes resultados parecem dificilmente conciliáveis com a defesa de processos universais que regeriam quer o desenvolvimento da motivação, quer as relações entre variáveis motivacionais, quer as relações entre motivação e performances. As respostas às perguntas colocadas no início da discussão permitem concluir sem hesitações que o paradigma de investigação "process-context" que assume a existência de processos de influência universais é insuficiente para explicar o desenvolvimento das diferenças entre grupos. Com efeito, a pertença a grupos equivalentes não tem o mesmo significado em todas as sociedades em termos de diferenciação psicológica; o desenvolvimento das mesmas características psicológicas não depende dos mesmos factores nos diferentes grupos sociais; as mesmas características psicológicas não têm o mesmo impacto comportamental nos diferentes contextos e as relações de causalidade entre variáveis diferem conforme os grupos considerados. Além disso estes diversos aspectos evoluem com o tempo, fazendo intervir a noção de cronosistema, mais recentemente introduzida na terminologia de Bronfenbrenner (1986). O cronosistema associa os efeitos do tempo em termos individuais e colectivos e a relação dinâmica que se estabelece entre mudanças individuais e contextuais: os mesmos acontecimentos podem tomar significados diferentes conforme o tempo em que ocorrem e os contextos em que as pessoas se desenvolvem. Quer os resultados de estudos transversais quer os de estudos longitudinais ilustram esta perspectiva.

A dificuldade em evidenciar um forte determinismo genético e a flexibilidade concedida pelo genótipo quando se trata do desenvolvimento psicológico em casos não patológicos, levou-nos a procurar na interpretação das experiências anteriores proporcionadas pelos vários meios uma compreensão mais profundo da diferenciação

psicológica entre grupos. Com efeito, podemos inferir que é a análise que o sujeito faz da realidade e as estratégias que implementa para resolver os problemas que esta realidade lhe coloca que contribuem para a orientação do desenvolvimento das suas características motivacionais.

Os resultados obtidos evidenciam como as interpretações pessoais da realidade, o significado atribuído aos acontecimentos, comportamentos e resultados variam conforme os meios: só podem ser compreendidos se entrarmos na lógica subjectiva dos próprios sujeitos. É elaborado o constructo de teorias pessoais de sucesso que inclui não só o tipo de actividade no qual vale a pena investir para ter sucesso, mas também os critérios de sucesso, as estratégias para o alcançar, as competências necessárias para a realização das tarefas exigidas, o conceito de competência própria neste domínio, a interpretação das causas dos sucessos e fracassos, o controle que pensa ter sobre essas causas, as previsões de futuros resultados, a avaliação das consequências possíveis dos diversos tipos de resultados e a maneira de lidar com essas consequências e, finalmente, a avaliação dos custos/benefícios dum investimento num determinado domínio ou actividade: as concepções pessoais de inteligência e as atribuições causais são facetas particulares destas teorias. As teorias pessoais de sucesso constroem-se no decorrer da existência, a partir da interpretação das experiências anteriores, e são parcialmente sobredeterminadas pela posição simbólica dos vários grupos na sociedade, pelos atributos, papeis e funções que lhe são reservados. No seio dessas teorias pessoais, o conceito de si próprio ocupa uma posição privilegiada, simultaneamente parte integrante, motor e consequência das teorias pessoais. Como salientou Reuchlin (1990), em cada situação o sujeito agirá em referência à representação da pessoa que pensa ser.

O estudo das representações da realidade familiar oferece possibilidades de exploração ricas que enfatizam a variabilidade dos pontos de vistas e as suas consequências. Com efeito, essas representações variam não só conforme a posição social da família, a posição dos actores no seio da família, a sua idade e género, mas também em função das exigências correspondentes ao ciclo de vida familiar.

Estas interpretações da realidade traduzem a perspectiva dos sujeitos inseridos num determinado meio ecológico mas espelham também a margem de liberdade nesta perspectiva. As variações intra-grupo evidenciam a amplitude da "liberdade" ainda possível nestas condições.

4. O limite do determinismo ambiental

Este aspecto será desenvolvido a partir de certos resultados de estudos exploratórios obtidos no seio dos grupos sociais desfavorecidos. Tais resultados permitiram identificar sujeitos que se distanciam das normas tradicionais do seu meio, manifestando uma certa ruptura com o passado através da expressão de uma variedade dos pontos de vista pouco habituais. Os resultados extremamente exploratórios não se traduzem por diferenças significativas entre grupos, mas traduzem a perspectiva dos sujeitos que se distanciam da norma. Se o acesso às interpretações do sujeito é particularmente crucial para quem se interessa pelos fenómenos contra-normativos, o problema complica-se de um ponto de vista metodológico quando se estudam comportamentos não habituais no seio de grupos definidos por certas condições ecológicas: é difícil identificar representações convergentes do meio, de si próprio ou das relações que sejam partilhadas pela maioria dos sujeitos contra-normativos. Com efeito, esses sujeitos substituem maneiras habituais de pensar por outras que lhes são próprias e qualquer processo de criação caracteriza-se pela variabilidade. Além disso, a maioria dos instrumentos tradicionais construídos para poder avaliar o meio intra-familiar parecem extremamente impermeáveis a estes sinais de mudança. O recurso a metodologias qualitativas é necessário.

Esta análise do particular, contudo, além das dificuldades que lhe são próprias, tem ainda a vantagem de chamar a atenção sobre as potencialidades humanas de criação do meio que limitam o impacto do determinismo genético e social no desenvolvimento. Estas respostas diferentes podem espelhar soluções para responder a certas mudanças sociais ou para suscitar a mudança, traduzindo um processo de construção de novas realidades.